

OS QUATROS NÍVEIS DE ABSTRAÇÃO DO CONCEITO MARXIANO DE “CAPITAL”¹

Roberto Fineschi

Dottorato di ricerca in filosofia all'Università di Palermo. Borsa post-dottorato presso l'Università di Siena

E-mail: fineschi.r@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-6995-7788>

Tradução e revisão técnica: Ricardo Pereira de Melo

Resumo: Este artigo examina a evolução da teoria do capital de Marx, com foco nos rascunhos, desde os Manuscritos de 1857-8 até a publicação de *O Capital*. O texto discute as distinções metodológicas feitas por Marx em relação aos modos de pesquisa e exposição, enfatizando a importância dos níveis de abstração na compreensão do capital como um todo. O trabalho defende a relevância de manuscritos anteriormente inacabados, particularmente os *Grundrisse*, para fornecer uma interpretação abrangente da economia marxiana.

Palavras-chave: capital, abstração, método de exposição, economia marxiana.

Abstract: This paper examines the evolution of Marx's theory of capital, focusing on the manuscript drafts from 1857-8 through the publication of *Capital*. It discusses the methodological distinctions made by Marx regarding the modes of research and exposition, emphasizing the significance of levels of abstraction in understanding capital as a totality. The work argues for the relevance of previously unfinished manuscripts, particularly the *Grundrisse*, in providing a comprehensive interpretation of Marxian economics.

Keywords: capital, abstraction, exposition method, Marxian economics.

Marx iniciou a elaboração orgânica da sua própria teoria do capital na década de cinquenta e, em particular, com o *Manuscrito* de 1857/58 (conhecido como *Grundrisse*). Estudos filológicos autorizados mostraram como, antes dessa data, a sua análise ainda estava ligada à de Ricardo², ou como se tratasse apenas de problemas de “superfície”³, sem chegar a uma formulação sistemática da matéria.

¹ Esta tradução é feita a partir do material *Marx in questione Il dibattito 'aperto' dell'International Symposium on Marxian Theory* organizado por Riccardo Bellofiore e Roberto Fineschi. O artigo traduzido possui o título original *I quattro livelli di astrazione del concetto marxiano di 'capitale'*.

² Cf. Tuchscheerer (1968, p. 222-245); Vygotskij (1965, p. 10-35); Vygotskij (1975^a); Jahn/Nietzold (1978, p. 149-152); ver também Jahn/Noske (1979): 21-22.

³ Estudando principalmente às teorias monetárias como a *Currency Principle* e a *Banking School*. Ver p. 8-9 da revista *Arbeitsblätter zur Marx-Engels-Forschung Halle (Saale)* (1979); ver também Jahn/Noske (1979) e (1983).

No biênio indicado, continuou o processo de pesquisa, mas paralelamente a uma primeira exposição⁴ com amplos traços de organicidade.

Ao escrever esse manuscrito, Marx clarificou progressivamente as suas ideias sobre a estrutura geral do “capital”, um processo que, no entanto, não terminou com os *Grundrisse*. Partes relevantes da teoria foram modificadas e aprimoradas no *Manuscrito 1861/63*, sobretudo no que diz respeito às categorias fundamentais de valor de mercado e preços de produção⁵, e no *Manuscrito 1863/65*, onde temos a única exposição estendida do sistema de crédito e o papel e a função do banco. O processo de sistematização, no entanto, continuou também nas várias edições do Livro I de *O Capital*, onde se tem a definitiva distinção terminológica e conceitual entre valor, valor de uso e valor de troca no âmbito da teoria da mercadoria.

Por outro lado, é geralmente aceito que o conceito de “capital” está conectado ao conceito hegeliano de “espírito” ou ao de “conceito”; importantes estudos tentaram demonstrar a ligação entre eles, prestando atenção especial a alguns pontos que traçaram os caminhos da discussão subsequente: i) o conceito de valor na circulação simples (por muito tempo erroneamente interpretado como “produção simples de mercadorias”⁶) e sua relação com o de capital; ii) o conceito de “capital em geral” e sua relação com a concorrência⁷. Neste ensaio, nos ocuparemos da segunda questão.

O célebre livro de Rosdolsky sobre este último assunto foi geralmente aceito como a palavra final. Segundo sua reconstrução, o “capital em geral” – o conceito-chave no qual Marx insiste no *Manuscrito* de 1857/58 – constituía apenas uma espécie de expediente metodológico, útil no momento da construção da teoria – a fim de mostrar a centralidade da produção industrial –, mas que deveria ser abandonado uma vez que a exposição alcançasse níveis de abstração mais baixos, como concorrência e crédito; estes últimos seriam incluídos na parte geral para evitar uma dupla exposição, uma vez de forma autônoma e uma outra vez junto às discussões particulares.

Esse tipo de interpretação foi atacado na Alemanha em dois importantes estudos de M. Müller e W. Schwarz. Segundo ambos, o conceito de capital em geral não havia sido abandonado de forma alguma, mas simplesmente redefinido porque tinha mudado a sua relação com a concorrência e com outras partes mais concretas da teoria. Embora algumas categorias mais concretas tivessem sido aceitas no conceito de generalidade, isso não implicava que o conceito como tal tivesse sido abandonado.

⁴ Marx fala, no posfácio à segunda edição alemã do Livro I de *O Capital*, do modo de exposição como distinto do modo de investigação, retomando quase literalmente o que foi dito na *Introdução* aos *Grundrisse*. De importância crucial é estabelecer o que significa “exposição” (*Darstellung*): na verdade, não se trata da mera retórica da apresentação de resultados dados, mas do modo como a própria teoria se desenvolve através de seus diferentes níveis.

Em vez disso, era necessário demonstrar o porquê dessas inclusões. Sem poder entrar no mérito dessas análises, meu ponto de partida é a tese de Schwarz: após o *Manuscrito 1861/63*, o conceito de capital em geral, embora não explicitamente mencionado, continua a existir; trata-se, portanto, de explicar por que e como, principalmente, o conceito de acumulação foi incluído no âmbito teórico da generalidade⁸.

Uma primeira consideração importante diz respeito à própria posição do problema. No debate tradicional, em geral, se discutiu a relação entre capital em geral e concorrência. Mas, se observarmos atentamente os esquemas de Marx dos quais essa distinção é extraída (veja o apêndice), emerge que não existem apenas dois níveis de abstração. De acordo com o plano mais elaborado dos *Grundrisse* – que é o que, substancialmente, segue na elaboração do manuscrito – vemos que, após a generalidade, há outros dois níveis: a particularidade e a singularidade. É evidente que essa articulação é inspirada na doutrina hegeliana do juízo e do silogismo⁹.

Para analisar as eventuais modificações, trata-se, em primeiro lugar, de ver como tais categorias foram definidas inicialmente e como elas foram se transformando à medida que a teoria se desenvolvia ainda mais.

No *Manuscrito de 1857/58*, após dois planos bem mais genéricos [A] e [B], o plano [C], o mais orgânico, é articulado em três partes: universalidade, particularidade e singularidade. A primeira parte inicia com a origem do capital a partir do dinheiro e se conclui com a relação entre capital, lucro e juros, passando pela circulação do capital. A particularidade começa com a acumulação, avança para a concorrência e termina com a concentração dos capitais. A singularidade é caracterizada pelo crédito, pelo capital acionário e pelo mercado de dinheiro.

⁴ Marx fala, no posfácio à segunda edição alemã do Livro I de *O Capital*, do modo de exposição como distinto do modo de investigação, retomando quase literalmente o que foi dito na *Introdução* aos *Grundrisse*. De importância crucial é estabelecer o que significa “exposição” (*Darstellung*): na verdade, não se trata da mera retórica da apresentação de resultados dados, mas do modo como a própria teoria se desenvolve através de seus diferentes níveis.

⁵ Cf. Vygodskij (1965, p. 91), Jahn/Nietzold (1978, p. 158), Skambraks (1978, p. 32-33) e M. Müller (1983, p. 9-13).

⁶ Cf. Hecker (1995) e (1997), Reichelt (1969) e Backhaus (1974, 1975, 1978).

⁷ Para uma reconstrução do primeiro debate, ver Fineschi (2002), para uma reconstrução do segundo, ver Fineschi (2001, 7entilia D).

⁸ Sobre este assunto, ver Rosdolsky (1968, p. 34 ss., 76 ss.), Vygodskij (1965, p. 133 ss.), Reichelt (1970, p. 90), Jahn/Nietzold (1978, p. 166 ss.), Jahn/Marxhausen (1978, p. 51 ff.), e sobretudo M. Müller (1978, p. 62 ss.) e Schwarz (1974, p. 246 ss.) e Schwarz (1978, p. 102 ss., 157, 175 ss., 241 ss., 273 ss.).

Por outro lado, o livro sobre o capital não deveria ser apenas o primeiro de seis. Em uma carta a Lassalle [D], onde se fala do plano dos seis livros, ele escreveu que o Livro I sobre o *Capital* continha alguns “*Vorchapters*”, capítulos preliminares. Noutra carta a Lassalle [E], ele explicitou que esses capítulos eram valor e dinheiro, pressupostos do capital em geral. Antes da exposição do capital, existe, portanto, uma espécie de preliminar, a circulação simples de mercadorias, também chamada por Marx de um pressuposto que pressupõe. Em uma carta a Engels [F], ele escreve a propósito da posterior divisão do livro sobre o capital e, embora não use os termos particularidade e singularidade, menciona exatamente os assuntos que deveriam ser tratados nessas seções, respectivamente concorrência, crédito e capital acionário.

Vamos começar, então, com o capital em geral e seu suposto desaparecimento.

Generalidade e particularidade do capital

O capital em geral deveria ser parte do primeiro livro¹⁰. *Para a crítica da economia política* e o *Manuscrito de 1861/63* foram escritos como partes disso, mas durante a elaboração do segundo dos dois textos mencionados, a categoria começou a desaparecer progressivamente.

No *Manuscrito 1857/58*, Marx fala do capital em geral como a sua quintessência, o que todo capital tem em comum. Não temos ainda capitais plurais, nem mesmo um capital, mas o conceito dele antes que seja determinado na pluralidade. Os “muitos” capitais serão abordados quando a teoria, em seu autodesenvolvimento, alcança a particularidade, ou seja, a concorrência, os muitos capitais em ação mútua. Mas, justamente esse ponto, a relação entre generalidade e particularidade, será sujeita às mudanças mais importantes. Mas, vejamos primeiro, toda a articulação nos *Grundrisse*:

- Em [C], a “concorrência” (particularidade) é posta no mesmo contexto da acumulação. Inversamente, em *O Capital*, a concorrência está exposta em outro contexto, diferente daquele da acumulação;

⁹ Cf. Enciclopédia § 163. Na tradução do termo “*allgemein*” por “geral” – e, às vezes, o termo “*einzel*” por “individual”, a referência óbvia a essas categorias é quase completamente perdida. O título deste ensaio fala de quatro níveis de abstração porque também leva em conta um tipo de “nível zero”, o da circulação simples, que, no entanto, não será tratado explicitamente neste ensaio. Sobre a relação Marx-Hegel, remeto a Fineschi (2006).

¹⁰ O livro sobre o capital segundo o plano original em sei livros, ver [D] e o *Prefácio Para a crítica da economia política*.

- Em [C], a acumulação não ocorre somente após a circulação do capital, mas também após a transformação do capital em capital e lucro;
- Em [C], tanto a acumulação quanto a concorrência não ocorrem apenas após a transformação do capital em capital e lucro, mas também após a transformação do capital em capital e juros;
- Em *O Capital*, a concorrência encontra-se entre capital/lucro e capital portador de juros.

Vejamos como isso se explica.

Seguindo a divisão hegeliana do conceito, a exposição inicia com as categorias mais gerais, com a quintessência do capital que implica, no prosseguimento, a multiplicação em muitos capitais, em cada um dos quais a universalidade se encarna. Vejamos as palavras de Marx:

La terza forma del denaro, quale valore autonomo che si riferisce negativamente alla circolazione, è il capitale; ma non il capitale che uscendo dal processo di produzione, rientra nello scambio per diventare denaro, bensì il capitale che nella forma di valore che si riferisce a se stesso, diventa merce entra in circolazione. (Capitale e interesse). Questa terza forma presuppone il capitale nelle precedenti forme e rappresenta al tempo stesso il passaggio dal capitale ai capitali particolari, ai capitali reali; giacché ora, in quest'ultima forma, il capitale si scinde già, concettualmente in due capitali con esistenza autonoma. Con la duplicità è poi data in generale la pluralità. Tale è il corso di questo sviluppo (Lineamenti II, p. 67ss.; MEGA2 II/1.2, p. 359ss.).¹¹

Por enquanto, *a acumulação* não seria necessária para colocar o capital, ela viria depois. Segundo esse plano, *a reprodução* também viria mais tarde. Em vez disso, o juro já pode ser exposto e representa a passagem do capital para os capitais. A concorrência e os muitos capitais estão, por sua vez, no mesmo plano.

¹¹ “A terceira forma do dinheiro, dinheiro como valor autônomo que se comporta negativamente em relação à circulação, é o capital, mas não o que, saindo do processo de produção como mercadoria, reingressa na circulação para converter-se em dinheiro. Ao contrário, é o capital que, na forma do valor que se relaciona a si mesmo, devém mercadoria, entra em circulação. (Capital e juro). Essa terceira forma supõe o capital nas formas anteriores e constitui ao mesmo tempo a transição do capital para os capitais particulares, os capitais reais; pois agora, nessa última forma, o capital, segundo seu conceito, já se divide em dois capitais de existência autônoma. Com a duplicidade está dada, então, a multiplicidade. Tal é o curso desse desenvolvimento.” (Tradução brasileira de Mário Duayer e Nélcio Schneider).

Portanto, por ora, a generalidade coincide com o capital individual “típico” antes da pluralidade, que parece coincidir com a concorrência. A acumulação não é necessária para colocar¹² o capital, para alcançar a relação capital/lucro. Esse tipo de abordagem é teoricamente consistente? Provavelmente não, e isso levará Marx a introduzir algumas alterações de aprimoramento.

Vejamos como a acumulação se torna parte da generalidade.

Já no índice de 1861 [H], no capítulo IV do capital em geral, encontramos o título “acumulação originária” com alguns subcapítulos. A ideia de dedicar um capítulo à acumulação antes que o capital seja posto está claramente expressa aqui, embora em uma forma híbrida na qual não se distingue suficientemente entre acumulação originária e a propriamente capitalista.

No entanto, temos uma primeira exposição dos traços essenciais da acumulação já nos *Grundrisse*, logo após a da mais-valia relativa; Marx considera os efeitos do reinvestimento da mais-valia produzida pelo processo de produção anterior¹³. Uma segunda ocorrência fora do programa a encontramos na exposição da circulação, onde ele distingue entre acumulação originária e acumulação propriamente capitalista¹⁴. Pouco antes, Marx havia esboçado a le da população¹⁵. Estamos, evidentemente, diante de categorias ligadas ao que, em *O Capital*, fará parte da exposição da acumulação. Que aquela indicada deveria ser a posição “correta” do conceito de acumulação ressurge no final do *Manuscrito 1861/63*¹⁶, juntamente com a questão da reprodução social global e dos muitos capitais. Evidentemente, eram as necessidades teóricas que o levavam a abordar, nesses lugares, argumento que, segundo o esboço do plano mencionado, deveriam vir posteriormente.

Mas, vejamos por que a acumulação é necessária para o capital seja posto.

Se o capital deve ser um processo que se autodesenvolve, ele precisa produzir seus próprios pressupostos como um resultado. Para isso, deve subsumir o processo de trabalho para obter mais-valia e, tendencialmente, mais riqueza material.

¹² O que significa “ser posto”? Para que o capital seja posto, ele deve produzir como seu próprio resultado os seus próprios pressupostos, aquilo que no início (lógico) não foi colocado por ele. Para ser “processo”, o capital deve reproduzir como seu próprio resultado aquilo que era um dado. Trata-se de estabelecer se tal posição dos pressupostos é possível sem a acumulação.

¹³ Cf. *Lineamenti I*, p. 397ss.; *MEGA2 II/1.1*, p. 294ss.

¹⁴ Cf. *Lineamenti II*, p. 79ss.; *MEGA2 II/1.2*, p. 367ss.

¹⁵ Cf. *Lineamenti II*, p. 76ss.; *MEGA2 II/1.2*, p. 365ss.

¹⁶ Cf. *Manoscrito 1861/63*, *MEGA2*, II/3.6, p. 2243ss.

o e, para fazê-lo, reemprega o que foi previamente produzido pelo capital. Assim, a reprodução, que por si só é um conceito trans-histórico, mas que no modo de produção capitalista ocorre na forma social da valorização e da acumulação capitalista, é essencial para o capital, e sem ela não é capital. O processo de produção individual é, por essência, um elo em uma cadeia que pressupõe – e que ao mesmo tempo é pressuposto – da reprodução de si mesmo e de outros¹⁷.

Ao tratarmos da acumulação, introduzimos os “outros” e, portanto, a questão da pluralidade dentro dela. Vejamos por que eles também são necessários.

1. Essencialmente porque é a mercadoria que é a “célula econômica” do modo de produção capitalista, a forma assumida pelo produto. A produção de mercadorias pressupõe produtores independentes e autônomos (uma pluralidade de atores está, portanto, já presente desde o início, no “nível zero”). Mesmo que assumimos que eles não sejam capitalistas, eles se tornarão, porque (i) o dinheiro é posto adequadamente apenas se for transformado em capital, (ii) o capital tende a crescer e se expandir em todos os ramos (justamente em virtude de sua maior produtividade). Se a produção de mercadorias é geral, então tudo é produzido como mercadoria, até mesmo os meios de produção e a força de trabalho¹⁸, o processo de produção será, então, possível, do ponto de vista, em primeiro lugar, lógico, apenas em condições capitalistas. Quem pretende agir poderá fazê-lo apenas aceitando as regras desse sistema.

Essa progressiva generalização é sugerida por Marx no *Manuscrito 1861/63*¹⁹. Além disso, a necessidade de muitos capitais antes do próprio lucro, a fim de realizá-lo, emerge claramente quando Marx considera a circulação do capital como um todo.

Nella prima come nella seconda sezione si è però trattato sempre soltanto di un capitale individuale, del movimento di una parte autonomizzata del capitale sociale. Ma i cicli dei capitali individuali si intrecciano gli uni con gli altri, si presuppongono e condizionano reciprocamente, e appunto in questo intrecciarsi formano il movimento del capitale sociale complessivo. Come nella circolazione semplice delle merci la 11entiliana11 complessiva di una merce appare come elemento della serie di 11entiliana11 del mondo delle merci, così ora la 11entiliana11 del capitale individuale appare come elemento della serie di 11entiliana11 del capitale sociale (Capitale II, p. 370; MEW, 24, p. 353)²⁰.

¹⁷ Cf. *Capitale I*, p. 621; *MEGA2*, II/10, p. 506. Já no *Manoscrito 1861/63*, *MEGA2* II/3.6, p. 2243.

¹⁸ No sentido de que o que torna possível sua sobrevivência é produzido capitalisticamente. Este é um ponto de contato entre o histórico e o biológico.

¹⁹ *MEGA2* II/3.6, p. 2223.

2. O fato que toda a produção tomar forma sob condições capitalistas não significa que ela seja realizada por um capital individual, pelo contrário, é exatamente isso que é impossível. Graças ao ponto 1, sabemos que cada produtor se tornará, tendencialmente, *um* capitalista, não que haverá somente um capitalista, porque a produção é sempre uma produção de mercadorias.

A impossibilidade de um capital universal é claramente expressa por Marx nos *Grundrisse*:

Poiché il valore costituisce la base del capitale, e questo 12entil necessariamente solo in quanto attua uno scambio con un equivalente, esso deve necessariamente procedere ad un movimento di repulsione da se stesso. Un capitale universale che non abbia di fronte a sé altri capitali con cui scambiare ... è perciò assurdo. La repulsione reciproca dei capitali è già implicita nel capitale in quanto valore di scambio realizzato (Lineamenti II, p. 28; MEGA2 II/1.2, p. 334)²¹.

Descobrimos, finalmente, que os capitais, no plural, foram apresentados desde o início porque uma pluralidade de agentes era um pressuposto implícito no conceito de mercadoria. Graças ao capital, temos, por outro lado, uma tendência interna que transforma cada produtor individual em um capitalista.

Para ter capital posto, ou seja, a transformação do capital em capital e lucro, é, portanto, necessária a acumulação de um capital individual na sua interação com “outros” capitais (incluindo, assim, uma primeira análise da sua interação que leve em conta também a circulação). Todo o processo de acumulação dos muitos capitais (a reprodução social global) deve ser compreendido no conceito geral de capital antes da particularidade ou da concorrência²². A reprodução social global é o último elo antes da particularidade.

Marx tornou-se consciente do caráter preliminar da reprodução social global – ou seja, da acumulação através de muitos capitais – no *Manuscrito de 1861/63*. Lá ele escreve:

²⁰ “Tanto na Seção I como na II, tratava-se sempre apenas de um capital individual, do movimento de uma parte autonomizada do capital social. Os ciclos dos capitais individuais, porém, se entrelaçam, se supõem e se condicionam reciprocamente, e constituem, justamente nesse entrelaçamento, o movimento do capital social total. Do mesmo modo que na circulação simples de mercadorias a metamorfose global de uma mercadoria aparecia como elo da série de metamorfoses do mundo das mercadorias, apresenta-se aqui a metamorfose do capital individual como elo da série de metamorfoses do capital social” (Tradução brasileira de Regis Barbosa e Flávio Kothe).

²¹ “Como constitui a base do capital e, portanto, necessariamente só existe por meio da troca por equivalente, o valor repele necessariamente a si mesmo. Por essa razão, um capital universal sem outros capitais frente a si, capitais com os quais troca – e, da perspectiva desenvolvida até aqui, não tem frente a si senão o trabalho assalariado ou a si mesmo –, é um absurdo. A repulsão recíproca dos capitais já está contida no capital como valor de troca realizado” (Tradução brasileira de Mario Duayer e Nélcio Schneider).

²² Aqui fica claro como se deve considerar a herança de Hegel em Marx. No início, Marx segue esquematicamente o modelo hegeliano e tenta derivar a pluralidade dos capitais da universalidade, evocando explicitamente a sua lógica. Essa é, no entanto, uma atitude decididamente pouco dialética, a negação do método hegeliano. Enquanto constrói o seu próprio modelo, ele finalmente compreende que a sua teoria só poderá ser consistente se seguir e expor a sua própria lógica dialética, e não uma lógica externa aplicada a ela.

Qui inoltre va notato che noi dobbiamo esporre il processo di circolazione o il processo di riproduzione prima 13entili esposto il capitale finito – capitale e profitto –, 13entil abbiamo da esporre non solo come il capitale produce, ma come il capitale viene prodotto. Il movimento reale, però, parte dal capitale 13entilian – il movimento reale, vale a dire, quello in base alla produzione 13entiliana13ni sviluppata, che comincia da se stessa, che presuppone se stessa (Teorie, II: 561; Mega2 , II/3.3: 1134)²³.

Revelou que os muitos capitais são parte da generalidade e que isso não só não é contraditório, mas é necessário. Então, chamo então de Acumulação I, o processo do capital individual que reproduz a si mesmo. Mas, justamente, ao fazer isso, verifica-se que ele deve estar necessariamente em relação com “outros” (que, no final, como se viu, podem ser apenas capitais). Cada um é um elo em uma cadeia; para colocar adequadamente a acumulação de um capital individual, é necessário considerar as condições da acumulação de cada um deles. Quais são as condições abstratas que permitem à sociedade, como um todo, sobreviver através dos capitais individuais? A resposta a essa pergunta é a teoria da reprodução social global que podemos chamar de Acumulação II.

A principal diferença em relação ao primeiro plano é que, embora tenhamos os muitos capitais, ainda não temos a concorrência e a particularidade. De fato, a pesquisa não diz respeito à análise de cada capital agindo independentemente e que tenta eliminar os outros capitais; Marx busca aqui uma resposta à seguinte pergunta: quais são as condições materiais, em forma de valor, que podem permitir a sociedade sobreviver? E de crescer? Estamos do ponto de vista da totalidade do capital, ainda não do ponto de vista daqueles individuais.

Qual é, então, a diferença entre os dois níveis de abstração após essa mudança? O ponto de vista da totalidade e a coincidência da oferta e demanda, ou produção e consumo, que se aplicam ao primeiro, mas não ao segundo.

Esta cláusula de abstração (demanda = consumo) é válida nos Livros I e II de *O Capital*, como Marx afirma claramente, por exemplo, na introdução ao capítulo sobre a

Esse parece ser o principal erro de caráter metodológico que muitos estudiosos repetem, tentar aplicar a lógica de Hegel à teoria marxiana do capital, em vez de respeitar o próprio método hegeliano, ou seja, seguir a dialética própria do conceito de “capital”. Essa repetição escolástica de Hegel é justamente o erro que Marx imputa a Lassalle. Cf. Carta de Marx a Engels de 1 fevereiro de 1858.

²³ “Importa aí observar ainda que temos de descrever o processo de circulação ou o processo de reprodução, antes de descrever o capital pronto e acabado – *capital e lucro* –, um vez que temos de explicar como o capital produz e, ademais, como é produzido. O movimento real, porém parte do capital existente; o movimento real é o que se faz na base da produção capitalista desenvolvida, que parte de si mesma e pressupõe a si mesma” (Tradução brasileira de Reginaldo Sant’anna)

acumulação e em outros lugares²⁴. Ela é válida a partir da circulação simples e inclui também a do capital. A circulação desde o início foi considerada parte da generalidade. É válida também para a reprodução social global; mesmo que tenhamos troca entre capitais e substituição material deles, isso não significa que atuem como particulares, de fato, são considerados apenas na medida em que são partes moleculares do capital, ou seja, do ponto de vista de sua totalidade.

É precisamente em virtude desta cláusula que é possível a exposição da acumulação do capital individual (acumulação I) antes do processo de circulação, e da segunda parte depois dele (acumulação II). Na realidade, naturalmente, não é possível ter acumulação sem primeiro ter circulação, ou seja, sem vender e comprar em meio à concorrência dos capitais, mas aqui se presume que tudo segue o seu próprio curso para estudar os aspectos formais que também ocorrem mesmo que tudo siga seu próprio curso. Vejamos as mudanças em uma reconstrução esquemática.

	Universalidade	Particularidade
Plano original	Demanda = oferta	Concorrência, ajustamento da demanda e oferta
	Capital como todo, indivisível	Uno/muitos capitais
		Acumulação
Plano final	Demanda = oferta	Concorrência, ajustamento da demanda e oferta
	Capital como todo, articulado em um	Uno/muitos capitais em concorrência
	Acumulação I + II	

Particularidade

Graças ao processo de acumulação, obtém-se:

1. O que era pressuposto (a relação capital/trabalho, as condições materiais de produção etc.) agora é posto pelo capital mesmo, de tal modo que ele possa ser um processo;

²⁴ Cf. *Capitale I*, p. 621; *MEGA2*, II/10, p. 505; *Capitale*, II, p. 24; *MEW*, 24, p. 32.

2. Sendo posto como capital, a exposição das categorias é agora a sua própria, estas são *aufgehoben*, superadas, ou seja, negadas na sua suposta autonomia particular e conservadas como parte do todo que se autodesenvolve. Este segundo nível de totalidade (o primeiro era a circulação simples) é delineado segundo uma média ideal, a relação capital/lucro de toda a sociedade, não como particularidade, de fato, a dinâmica efetiva dos capitais ainda não é considerada. Embora a atitude seja em direção ao todo, o todo já consiste em muitos capitais. Agora, Marx deve reunir essas duas dimensões da teoria; o todo deve se desenvolver através da dinâmica dos capitais particulares que buscam autonomamente se valorizar. Portanto, é necessário elevar o nível de abstração da média ideal posta pela abstração e mostrar como ela é, em vez disso, um resultado posto pela dinâmica efetiva dos muitos capitais. Vejamos como.

A mais-valia produzida é o resultado do processo capitalista de produção no seu conjunto (produção + circulação). O fruto disso, a mais-valia, manifesta-se como resultado do todo e parece precisar ser medido sobre o capital adiantado e não apenas sobre o capital variável. A mais-valia se transforma, assim, em lucro e a taxa de mais-valia em taxa de lucro. Este era, no plano original, o passo final da generalidade que então, graças a um passo subsequente – o capital portador de juros – prosseguia para a particularidade. Agora, há algumas mudanças. Antes do juro, a teoria deve incluir a média ideal como resultado da concorrência. Mas vamos prosseguir com ordem.

Podemos agora considerar que cada capital atual como tal, ou seja, que visa o lucro individual sem se preocupar com a valorização dos outros. Cada um realiza as leis gerais como agente particular entre os muitos agentes particulares. Até agora, tínhamos os muitos, mas eles eram considerados como momentos subordinados da dinâmica do capital como um todo. Agora, em vez disso, consideramos a sua ação particular como “atuadores” da generalidade. Isso implica a queda da cláusula de abstração segundo a qual se presumiu que produção e consumo coincidissem perfeitamente. Na particularidade, Marx investiga como os capitais funcionam uma vez que estão livres para se mover de acordo não a uma estabilidade média ideal *a priori*, mas em seu movimento real, ou seja, na concorrência. Este é o contexto em que o problema da transformação pode ser corretamente abordado e resolvido.

Marx fala de dois tipos de concorrência: o primeiro dentro de um ramo que produz um valor de mercado para todos os produtos fabricados e vendidos; este é um valor social e não corresponde aos valores individuais (apenas as mercadorias produzidas pelos capitais que

adotam as técnicas de produção médias realizam uma grandeza de valor que corresponde ao valor social). O segundo tipo de concorrência é entre os diferentes ramos e determina o preço de produção. Este é uma média das médias, ou seja, um preço de mercado particular cujo lucro particular é, ao mesmo tempo, socialmente necessário, portanto, geral.

Pela primeira vez, Marx chega a esse resultado no *Manuscrito* de 1861/63²⁵. A argumentação é retomada no *Manuscrito* de 1863/65, no contexto da exposição da concorrência que dá os preços de produção como resultado e, finalmente, por Engels no terceiro Livro de *O Capital*²⁶.

Quello che la concorrenza consegue, in primo luogo in una sfera di produzione, è di produrre dai diversi valori individuali delle merci un unico valore di mercato ed un unico livello di mercato. Ma la concorrenza dei capitali nei diversi rami di produzione crea innanzitutto il livello di produzione, che a sua volta livella i saggi del profitto fra le diverse sfere di produzione²⁷.

Ver também a seguinte passagem:

Noi abbiamo detto che la concorrenza livella i saggi del profitto delle diverse sfere di produzione al saggio medio del profitto, e livelliana così i valori dei prodotti di queste diverse sfere in prezzi di produzione. E questo processo si compie in virtù della incessante trasmutazione del capitale da una sfera all'altra, dove momentaneamente il profitto è superiore alla media; si deve tuttavia tener conto delle oscillazioni del profitto che si succedono in un medesimo ramo industriale entro un'epoca determinata, e che sono collegate all'alternarsi degli anni magri a quelli grassi. Questi ininterrotti spostamenti del capitale fra le diverse sfere di produzione, danno origine a movimenti ascendenti e discendenti del saggio del profitto, i quali tuttavia si compensano reciprocamente in grado livelliano o minore, manifestando così la tendenza a riportare ovunque il saggio del profitto al medesimo livello comune e generale (*Capitale* III, p. 254; MEGA2, II/4.2, p. 278s.).^{28 29}

Portanto, esse nível médio de lucro – médio em referência ao capital como um todo – não é mais um pressuposto que colocamos como cláusula da abstração; em vez disso, é agora o resultado da dinâmica real dos capitais particulares. Temos agora que um caso particular é a

²⁵ Cf. *Teorie II*, p. 215; MEGA2, II/3.3, p. 854.

²⁶ Cf. *Capitale III*, p. 223 (corr. RF); MEGA2, II/4.2, p. 255.

²⁷ “O que a concorrência realiza, primeiramente, dentro de uma esfera é estabelecer um valor de mercado igual e um preço de mercado igual a partir dos diversos valores individuais das mercadorias. Mas só a concorrência dos capitais nas diversas esferas traz à luz o preço de produção que equaliza as taxas de lucro entre as diversas esferas” (Tradução brasileira de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe).

²⁸ “Foi dito que a concorrência equaliza as taxas de lucro das diversas esferas da produção à taxa média de lucro, e justamente assim transforma os valores dos produtos dessas diversas esferas em preços de produção. E isso ocorre mediante a transferência contínua de capital de uma esfera para outra, em que momentaneamente o lucro está acima da média; no que há que considerar as flutuações de lucro ligadas à variação de anos bons e ruins, como eles, em dado ramo industrial, dentro de uma época dada se sucedem. Esse movimento ininterrupto de emigração e imigração do capital, que ocorre entre diversas esferas da produção, gera movimentos ascendentes e descendentes da taxa de lucro que mais ou menos se compensam mutuamente e, por isso, tendem

encarnação da média geral. A média social não é, obviamente, imutável uma vez fixada; ela muda exatamente seguindo os dois movimentos da concorrência em direção a novos padrões³⁰.

A aquisição fundamental na qual estávamos interessados, no entanto, é que a pressuposta média social é agora o resultado do processo real dos capitais em concorrência; as grandezas abstratas referidas como um todo são agora lucros concretos obtidos pelos capitais particulares que operam em um ramo particular. Trata-se de uma média sujeita às alterações, mas que será substituída por uma nova média.

Esse resultado constitui a passagem em direção à singularidade³¹. Voltemos ao capital portador de juros.

Em direção à singularidade

No *Manuscrito 1861/63*, após analisar a queda tendencial da taxa de lucro, Marx aborda pela primeira vez algumas questões relativas ao desenvolvimento posterior da teoria, que, anteriormente, ele tinha tocado apenas de passagem. Trata-se de ver se elas correspondem ao conceito de singularidade esboçado no *Manuscrito de 1857/58*. Os conceitos que se utilizam constantemente sob esta categoria são crédito e o capital acionário

a reduzir, por toda parte, a taxa de lucro ao mesmo nível comum e geral” (Tradução brasileira de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe).

²⁹ Não é possível abordar, neste espaço, o problema da transformação. No entanto, se considerarmos que a teoria do valor do primeiro capítulo é parte da generalidade, enquanto o valor de mercado e o preço de produção são partes da particularidade, ou seja, que para determinar as grandezas de valor do segundo caso é essencial tanto o que se produz quanto o que efetivamente se vende, o que muda não é a solução do problema, mas a sua própria abordagem. Ao buscar comparar preços e valores como dois critérios diferentes de medição, sempre se chegará às contradições. Trata-se, em vez disso, de dois diferentes níveis de abstração da mesma coisa. Nota-se de passagem, que mesmo na circulação simples, o que e quanto é consumido seria essencial para a determinação das grandezas de valor se não se assumisse que a demanda e a oferta coincidem. Mesmo nesse contexto, portanto, o ponto não é que o consumo não é essencial para a determinação das grandezas de valor, mas sim que se trata de desconsiderar momentaneamente essa questão para estudar outros aspectos.

³⁰ As grandezas de valor são, portanto, definidas, neste nível, pelos padrões de produção fixados pela concorrência. Portanto, numa certa medida, também é possível medir as grandezas de valor por meio do tempo de trabalho, uma vez que os padrões são dados (e por um determinado período eles são dados). Isso implica que as grandezas de valor nunca são dadas ex-ante (essa é uma crítica radical à teoria tradicional do “valor-trabalho”), porque o consumo é essencial para a fixação das grandezas de valor (não podemos saber antes das trocas, quantos e quais mercadorias já produzidas serão efetivamente consumidas), mas também implica que elas podem ser medidas pelo tempo de trabalho na medida em que os padrões perdurem. No longo prazo, as grandezas de valor são determinadas pelo conteúdo do trabalho, mas a dinâmica da fixação das magnitudes, a longo prazo, é determinada, por sua vez, pela reação recíproca da produção e do consumo, que são co-essenciais para a fixação do resultado final. Isso não significa que a grandeza do valor seja criada pela circulação, mas simplesmente que a circulação é essencial para a fixação do que é de efetivamente valor e do que é trabalho supérfluo.

A referência de Marx ao conceito de “padrão” no manuscrito do Livro III desaparece na versão impressa de Engels: “Além disso, se um produtor consegue fabricar mais barato e pode, assim, vender mais

(por vezes também o mercado de dinheiro), às vezes juntos e às vezes distintos em diferentes pontos.

Mas vejamos, em primeiro lugar, a função do capital portador de juros. No *Manuscrito 1857/58*, ele constituía a passagem da generalidade para a particularidade. A generalidade se concluía com a relação capital/lucro, $D - D'$, ou seja, com uma quantidade de dinheiro aumentada em comparação àquela originalmente investida. O processo que dava aquele resultado desaparecia nele, o gerar dinheiro aparece como um fato, ou seja, a “coisa” dinheiro gera dinheiro como se isso fosse uma peculiaridade físico-natural própria. Este é o fundamento do fetichismo do capital. Esta definição geral permanece sempre válida, muda apenas a posição estrutural da categoria.

No *Manuscrito 1863/65*, a categoria é definida desta forma:

ma diversamente stanno le cose per il capitale 18entilian di interesse e 18entili ciò costituisce il suo carattere specifico. Il 18entiliana18n di 18entiliana vuole valorizzare il suo denaro come capitale 18entilian di interesse, lo aliena a un terzo, lo getta nella circolazione, ne fa una merce in quanto capitale; non unicamente come capitale per se stesso, ma anche per altri; esso è solamente capitale per colui che lo aliena, ma a priori viene ceduto al terzo come capitale, come valore che possiede il valore d'uso di creare plusvalore, profitto (Capitale III, p. 409; MEGA2 , II/4.2, p. 416)³².

Vejamos por que a posição muda. Vimos que a generalidade consistia em uma média ideal que deveria avançar para a média real posta. A transição ocorre graças à ação dos “muitos” capitais na concorrência, que leva ao lucro médio e aos preços de produção. Para ter o capital portador de juros como um momento posto do processo real, a mera generalidade não é suficiente. De fato, para que o capital seja *percebido* como uma coisa, é necessário que os atores do processo na superfície da sociedade se tornem, de alguma forma, *conscientes* dessa “média”; a existência de um fruto médio do capital como um fato natural gerado pelo capital mesmo, independentemente do processo efetivo que o põe, é possível somente *depois* que a concorrência tenha posto a média ideal como um fato, como lucro médio social, algo dado na superfície da sociedade³³.

Barato do que os outros e ocupar um setor maior do mercado, vendendo abaixo do preço de mercado atual ou do valor de mercado, ele naturalmente o faz: assim começa o processo pelo qual, um após o outro, os concorrentes são forçados a aplicar o sistema de produção mais barato e o trabalho socialmente necessário é reduzido a um *novo padrão* (sub. RF)” (*Capitale III*, p. 238 [corr. RF]; MEGA2 , II/4.2, p. 268).). Engels, por outro lado, escreve “a uma nova medida reduzida”.

³¹ A particularidade também faz parte da discussão da queda tendencial da taxa de lucro. A gênese e a função deste capítulo são complexas; todavia, no que diz respeito à relação entre produção e consumo, a tese, que não é possível aprofundar aqui, é que na terceira parte do capítulo, Marx esboça uma teoria do ciclo.

³² “Mas, a situação é diferente com o capital portador de juros, e é exatamente isso que constitui seu caráter específico. O proprietário do dinheiro, que quer valorizar o seu dinheiro como capital portador de juros, aliena-o

Com o capital portador de juros, gerar lucro se manifesta como uma qualidade da coisa capital/dinheiro: ser dinheiro implica gerá-lo. Isso permite que o capital seja emprestado como uma mercadoria cujo valor de uso consiste precisamente em gerar lucro, como se pudesse deixar de lado, o processo de produção real que permite a valorização. Assim, o resultado do conceito geral de capital D – D', torna-se agora uma categoria econômica que opera realmente na superfície da sociedade. As consequências são significativas:

Il movimento caratteristico del capitale in generale, il 19entili del denaro al capitalista, il 19entili del capitale al suo punto di partenza, assume nel capitale 19entilian di interesse una figura del tutto esteriore, distinta dal movimento reale di cui essa è la forma [...]

Il 19entili non si esprime dunque qui come conseguenza e come risultato di una serie determinata di processi economici, ma come conseguenza di una particolare stipulazione giuridica fra compratori e venditori. Il tempo del 19entili 19entili dal corso del processo di riproduzione; per il capitale 19entilian di interesse il suo 19entili in quanto capitale *sembra* dipendere dal puro e semplice 19entil fra il prestatore e colui che prende a 19entilia. Di modo che il riflusso del capitale, per quanto riguarda questa operazione, non appare più come risultato determinato dal processo di produzione, ma così, come se la forma del denaro non fosse mai andata perduta per il capitale prestato. Senza dubbio queste operazioni sono determinate in realtà dai loro riflussi reali. Ma ciò non appare nella operazione stessa (Capitale III, p. 414s.; MEGA2 II/4.2, p. 421)³⁴.

Dois pontos parecem decisivos:

1. A relação do capital consigo mesmo como mera quantidade de dinheiro, considerando o seu aumento quantitativo como uma propriedade do objeto “capital”, leva a generalidade da valorização a ser concretamente individualizada no capital portador de interesse; assim, ele se distingue de todos os processos concretos de produção, representando concretamente a dimensão universal em face a todos os processos particulares. Ele está,

a um terceiro, lança-o na circulação, faz dela uma mercadoria como capital, não apenas como capital para ele, quem o aliena, mas é entregue a terceiros como capital, como valor, que possui o valor de uso para criar mais-valia, lucro” (Tradução direto do alemão – Ricardo Pereira de Melo).

³³ Marx aborda essa questão pela primeira vez no *Manuscrito 1861/63*, na parte intitulada “Os rendimentos e suas fontes”. O manuscrito também é decisivo nesse ponto. Sobre o fetichismo do capital, veja o ensaio fundamental Mazzone (1976).

³⁴ “O movimento característico do capital é o retorno (*die Rückkehr*) do dinheiro ao capitalista. Esse retorno do capital ao seu ponto de partida assume uma forma totalmente externa no capital portador de juros (*Zinstragenden Capital*), separada do movimento real do qual ele é a forma [...]

O retorno, portanto, não é expresso aqui como consequência e resultado de uma série de processos econômicos, mas como resultado de uma convenção jurídica especial entre comprador e vendedor. O tempo de retorno depende do processo de produção real; No caso do capital portador de juros (*Zinstragenden Capital*), seu retorno como capital *parece* (*scheint*) depender da pálda (*blassen*) convenção entre credor e devedor. Para que

assim, diante – atualmente existente – de todos os capitais como operando a sua essência, em relação à qual eles parecem formas particulares de realização. O capital em geral aparece, fenomenicamente, diante dos capitais particulares, como sua forma de movimento desmaterializada, como puro $D - D'$. No *Manuscripto 1861/63*, Marx afirma:

Ecco la forma puramente tangibile del valore che 20entilia se stesso o del 20entiliana crea denaro. In pari tempo la forma puramente aconcettuale, l'incomprensibile, mistificata. Nello sviluppo del capitale noi siamo partiti da $D - M - D'$, di cui $D - D'$ non era che il risultato. Ora troviamo $D - D'$ come soggetto... La forma incomprensibile che incontriamo alla 20entiliana e da cui, perciò, siamo partiti nell'analisi, la ritroviamo come risultato del processo in cui la figura del capitale diventa a poco a poco sempre più estraniata e priva di relazione con la sua intima essenza. Il denaro come la forma modificata della merce era ciò da cui siamo partiti. Il denaro come la forma modificata del capitale è ciò a cui perveniamo, esattamente come abbiamo riconosciuto che la merce è il 20entiliana²⁰ e il risultato del processo di produzione del capitale (Teorie III, p. 501; MEGA2 II/3.4, p. 1464).³⁵

A valorização como propriedade intrínseca de uma coisa – o dinheiro – era o enigma de onde tínhamos partido, agora é o resultado do capital como um todo.

2. Este é o fundamento do fetichismo do capital. Na circulação simples, a coisa “dinheiro” parece ser valor em si, agora, é a coisa “capital” que parece gerar valor em si³⁶.

Obtivemos assim a existência do capital em geral. Mas isso já estava esboçado no *Manuscripto 1861/63*:

Invece col capitale 20entilian di interesse il feticcio è completo. Questo è il capitale concluso – per cui è unità del processo di produzione e del processo di circolazione – , e quindi in un determinato 20entili di tempo frutta un determinato profitto. Nella forma del capitale 20entilian di interesse resta quest'unica determinazione, senza la mediazione del processo di produzione e del processo di circolazione. Nel capitale e nel profitto permane ancora il

o retorno do capital com relação a esta transação não aparece (*erscheint*) o resultado determinado pelo processo de produção, mas como se a forma do dinheiro nunca tivesse se perdido (*verloren*) para o capital por um momento. No entanto, essas transações são determinadas pelos retornos reais (*real returns*). Mas isso não aparece na transação em si (*der Transaction selbst*)” (Tradução direto do alemão – Ricardo Pereira de Melo).

³⁵ “Assim [obtemos] a forma permanente, palpável, do valor autovalorizante ou do dinheiro produtor de dinheiro. Ao mesmo tempo, a pura forma privada de pensamento – incompreensível, mistificada. Partimos, no desenvolvimento do capital, de $D - M - D'$, de que $D - D'$ foi apenas resultado. Agora encontramos $D - D'$ como *sujeito*... A forma incompreensível encontrada na superfície e da qual, em consequência, partimos na análise, a reencontramos como resultado do processo, no qual a figura do capital se torna progressivamente mais alheada e carente de relacionamento com sua essência íntima. Partimos do dinheiro enquanto forma transmutada da mercadoria. Dinheiro enquanto forma transmutada do capital é aquilo a que chegamos, exatamente como reconhecemos na mercadoria a pressuposição e o resultado do processo de produção do capital” (Tradução brasileira de José Arthur Giannotti e Walter Rehfeld).

³⁶ As palavras de Marx são explícitas a esse respeito: “No capital gerador de juros, a relação capitalista atinge sua forma mais externa e fetichista... portanto, em qualquer caso, de uma relação social, não de uma coisa” (*Capitale III*, p. 463; MEGA2 , II/4.2, p. 461); “A coisa (dinheiro, mercadoria, valor) é agora capital como coisa,

ricordo del loro passato, benché la diversità del profitto dal plusvalore e il profitto uniforme di tutti i capitali – il saggio generale del profitto – oscurino già molto il capitale, ne facciano una cosa oscura e un *mystère*.

Nel capitale 21entilian di interesse questo feticcio 21entiliana è completo, è il valore che 21entilia se stesso, il 21entiliana fa denaro, e in questa forma non porta più i segni della sua origine. Il rapporto sociale è completo come rapporto della cosa (denaro, merce) con se stessa [...]

Questo, intanto, è chiaro, che nel capitale + interesse, il capitale è compiuto come fonte misteriosa che genera da se stessa l'interesse, il 21entili 21entiliana²¹ⁿ. Anche per la rappresentazione, perciò, il capitale assume specialmente questa forma. È il capitale par excellence (Teorie III, p. 488s.; MEGA2 II/3.4, p. 1454)³⁷.

O capital portador de juros se manifesta como o capital por excelência, capital como tal que existe diante do processo real de produção, como se gerasse lucro por si mesmo, sem passar por ele. O juros seria o que remunera a sua natural lucratividade, enquanto o lucro seria o resultado da efetiva aplicação material daquela abstração universal em um ramo particular.

Diversas vezes neste manuscrito, Marx coloca em evidência a divisão entre o capital portador de juros como capital em si e suas formas existentes particulares como capitais operantes:

L'interesse è 21entiliana²¹ⁿ posto come offspring of capital, separato, 21entiliana²¹ⁿ e estraneo al processo 21entiliana²¹ⁿ stesso. Spetta al capitale in quanto capitale [...]

[...] Perciò l'eccedenza del profitto sull'interesse – la quantità di plusvalore che il capitale deve unicamente al processo di produzione, che produce unicamente come capitale in funzione – ottiene, nei confronti dell'interesse come creazione di valore inerente al capitale in sé, al capitale per sé, al capitale come capitale, una figura particolare come profitto industriale (Teorie III, p. 525; MEGA2 II/3.4, p. 1490)³⁸.

E o capital aparece como uma coisa pálida, todo o resultado do processo de produção e circulação, como uma propriedade inerente à coisa” “A relação social se aperfeiçoa como a relação da coisa (dinheiro) consigo mesma. Em vez da transformação real do dinheiro em capital, apenas a sua forma vazia (*die inhaltlose*) é mostrada aqui” (*Capital III*, p. 464; MEGA2 II/4.2, p. 461s.). (Tradução direto do alemão – Ricardo Pereira de Melo).

³⁷ “No capital a juros, ao contrário, completa-se o fetiche. Este é o capital acabado – portanto, unidade do processo de produção e do processo de circulação – que, por isso, num determinado período de tempo traz um determinado lucro. Na forma do capital a juros permanece apenas essa determinação constitutiva, sem a mediação dos processos de produção e circulação. No capital e no lucro existe ainda a recordação de seu passado, embora a diferença entre lucro e mais-valia, uniformização dos lucros de todos os capitais – (por meio) da taxa geral de lucro -, transformem o capital – de modo nada claro – numa coisa obscura e num mistério.

No capital a juros se completa esse *fetiche automático*, de um valor que se valoriza a si mesmo, de um dinheiro que faz dinheiro, de sorte que, nessa forma, não traz mais estigma de seu nascimento. A relação social se completa como relação da coisa [dinheiro, mercadoria] consigo mesma...

É claro, ao menos, que, como capital e juros, o capital se completa como fonte misteriosa e autoprodutiva de juros, de seu incremento. É sob essa forma que o capital também existe particularmente para a representação. É o capital por excelência” (Tradução brasileira de José Arthur Giannotti e Walter Rehfeld).

³⁸ “O juros é explicitamente posto como rebento do capital, separado independentemente, fora do próprio processo capitalista. Cabe ao *capital como capital* [...]

A separação abstrata entre a dimensão real do capital como processo produtivo e a sua dimensão ideal como um aumento do valor obtiveram agora uma distinção real. Isso também implica uma duplicação da figura do capitalista: de um lado, o possuidor jurídico do capital que o empresta, do outro, o empresário que o emprega produtivamente³⁹.

No final da particularidade, tínhamos o lucro médio produzido por um ramo particular. Agora, aquela valorização média do capital existe como universal encarnado em um particular, diante de todos os outros capitais particulares. A universalidade do capital, presente em cada um deles, está agora fisicamente encarnada em um único capital existente ao lado deles. O universal existe efetivamente como particular e, portanto, é singular.

Singularidade

Agora temos o capital em geral “existente”. Trata-se de ver como funciona o todo da reprodução capitalista uma vez que se tenha alcançado esse nível de abstração final.

Esta parte foi desenvolvida por Marx quase exclusivamente no *Manuscrito de 1863/65*. Até alguns anos atrás, os estudiosos tinham à disposição apenas a edição engelsiana desse texto, o Livro III de *O Capital*. Graças à nova edição histórico-crítica (*Marx-Engels-Gesamtausgabe*)⁴⁰, em 1992, o original foi publicado. Essa foi a ocasião para um amplo debate sobre o problema da transformação. No entanto, esse texto é muito útil no que diz respeito à questão dos níveis de abstração, em particular para o mais concreto entre aqueles que estamos interessados: a singularidade.

Se de fato olharmos o índice de Marx e aquele de Engels, veremos imediatamente o quão diferentes eles são. Sobretudo, o que Marx indicou ser o capítulo final antes da renda – Crédito e capital fictício – torna-se *um* capítulo *entre* muitos outros, um único tópico ao lado de outros, e não o título da última parte da exposição da teoria do capital. Marx o tinha

[...] O excedente do lucro sobre o juro, o *quantum* de mais-valia, que o capital deve ao processo de produção e somente cria como capital em funcionamento, assume frente ao juro – como criação do valor que cabe ao *capital em si*, ao *capital para si*, ao *capital com o capital* – uma figura especial, a de *lucro industrial*” (Tradução brasileira de José Arthur Giannotti e Walter Rehfeld).

³⁹ Cf. *Teorie III*, p. 492s.; *MEGA2 II/3.4*, p. 1457.

⁴⁰ Sobre a *MEGA2*, ver Mazzone (2002).

Dividido em três partes intituladas I, II, III, em vez disso, a intervenção de Engels levou à criação de verdadeiros e próprios capítulos para os quais ele também inventou os títulos. Alguns deles são compostos por passagens extraídas de uma parte que Marx havia chamado indicativamente de “A confusão”. Tratava-se de uma série de citações de vários autores que claramente não representavam uma “exposição” teórica (tinham até mesmo uma paginação autônoma). Engels as transformou em “texto”, juntando uma citação à outra e escrevendo algumas partes complementares.

Assim: o verdadeiro tema da seção se torna um capítulo entre os outros, todos no mesmo nível; alguns deles nem existiam de fato, mas foram criados pelo próprio Engels. Evidentemente, voltar ao manuscrito de Marx é, neste caso, de particular importância.

Se nos atermos ao que no manuscrito parece ser o mais próximo de uma exposição coerente, temos um contexto geral intitulado “Crédito e capital fictício” que, por sua vez, articulado em três passagens:

1) uma parte dedicada a um esboço do crédito propriamente capitalista: crédito comercial e crédito bancário⁴¹, que na edição de Engels, tornou-se o capítulo 25 (porém modificado pela inserção de longas notas no texto principal);

2) uma segunda parte onde Marx descreve as funções do crédito no modo de produção capitalista. Aqui se tem uma primeira exposição do capital acionário⁴². No texto impresso, essa parte, torna-se o capítulo 27;

3) a exposição, dividida em três pontos, deste nível de abstração como um todo⁴³. Na edição de Engels, estes serão os capítulos 28-32.

Se confrontarmos esta articulação com a hipótese dos quatro níveis de abstração, encontramos confirmações interessantes. Em primeiro lugar, temos um capítulo 5, onde o capital portador de juros constitui a passagem⁴⁴ para prosseguir ao crédito e ao capital fictício. O crédito, como totalidade, constitui a última parte da exposição do capital como tal, após o qual segue a renda. Em segundo lugar, as categorias fundamentais de crédito e capital

⁴¹ Cf. *MEGA2 II/4.2*, p. 468-475.

⁴² Cf. *MEGA2 II/4.2*, p. 502 ss.

⁴³ Cf. *MEGA2 II/4.2*, p. 506-561; p. 584-597.

⁴⁴ Marx reitera em várias passagens que o crédito constitui o próprio desenvolvimento do capital portador de juros: “O capital produtor de juros recebe no crédito a forma peculiar à produção capitalista e a ela correspondente. É uma forma criada pelo próprio modo de produção capitalista” (*Theories III*, p. 554 [trad. Corr.]; *MEGA2 II/3.4*, p. 1514). Cf. Também (*Theories III*, p. 503; *MEGA2 II/3.4*, p. 1466).

Fictício são delineadas como as formas mais concretas de existência do capital (pode-se mostrar que o capital fictício corresponde à exposição mais avançada do capital acionário).

As linhas gerais da estrutura da singularidade correspondem àquelas indicadas nos planos anteriores.

Não é possível prosseguir com uma análise detalhada do funcionamento deste nível de abstração, limitar-me-ei a indicar seus traços gerais⁴⁵.

1) Na primeira parte da singularidade, Marx mostra como o modo de produção capitalista desenvolvido (logicamente antes do que historicamente) reformula categorias preexistentes herdadas, por exemplo, o crédito da circulação simples⁴⁶. A primeira nova categoria é o crédito bancário: a divisão capitalista do trabalho implica que a função ligada à gestão do dinheiro como tal seja monopolizada por um capitalista individual: o banqueiro⁴⁷. Se considerarmos que a coisa “dinheiro” já foi posta como capital – fetichismo do capital – ao gerenciar o dinheiro, o banco controla o capital portador de juros. Assim, o banco é o representante fenomenicamente existente do capital em geral. O capital em geral, que no início era uma mera abstração, agora existe empiricamente como categoria no capital portador de juros e opera graças ao capitalista universal, o banco⁴⁸.

O mercado de dinheiro é o desenvolvimento posterior do crédito bancário⁴⁹.

2) O segundo passo consiste em mostrar (i) a gênese do capital acionário, (ii) a sua natureza fictícia, (iii) as aquisições gerais deste nível de abstração, que na realidade, só são explicáveis à luz do seguinte ponto 3⁵⁰.

⁴⁵ Para uma análise mais aprofundada, ver Fineschi (2001), cap. 8.

⁴⁶ Cf. *MEGA2 II/4.2*, p. 469-475.

⁴⁷ Cf. *Capitale III*, p. 377; *MEGA2 II/4.2*, p. 387.

⁴⁸ Cf. *Capitale III*, p. 465; *MEGA2 II/4.2*, p. 463. Com isso, Marx obtém como resultado aquilo que no *Manuscrito de 1857/58* era apenas uma hipótese de pesquisa: “Antes de prosseguirmos, ainda este comentário. O capital em geral, diferentemente dos capitais particulares, aparece na verdade 1) *só como uma abstração*; não uma abstração arbitrária, mas uma abstração que captura a *differentia specifica* do capital em contraste com todas as outras formas de riqueza – ou modos – em que se desenvolve a produção (social). São as determinações comuns a todo capital enquanto tal, ou que fazem de cada soma determinada de valores capital. E as diferenças no interior dessa abstração são igualmente particularidades abstratas que caracterizam cada tipo de capital, à medida que esse seja sua afirmação ou negação (por exemplo, | capital fixo ou | capital circulante); 2) mas o capital em geral, diferentemente dos capitais reais particulares, é ele próprio uma existência *real*. [...] Por exemplo, o capital, muito embora pertencente aos capitalistas singulares em sua forma elementar como capital, nessa *forma universal* constitui o capital que se acumula nos bancos ou é por eles distribuído e, [...] se distribui de maneira tão admirável na proporção das necessidades da produção. Assim, se o universal, por um lado, é somente *differentia specifica pensada*, por outro, é forma real *particular* ao lado da forma do particular e do singular” (Tradução brasileira de Mario Duayer e Nélío Schneider; *Lineamenti II*, p. 67s.; *MEGA2*, II/1.2, p. 359).

⁴⁹ Cf. *Capitale III*, p. 436s.; *MEGA2 II/4.2*, p. 440s.

⁵⁰ Cf. *Capitale III*, p. 518s.; *MEGA2 II/4.2*, p. 502.

3) O terceiro passo procede à explicação de como o capital, alcançado neste nível de abstração, funciona como um todo. A exposição deste último ponto se articula em três passagens adicionais. O problema de fundo é mostrar a interconexão entre o movimento do capital fictício e do capital real. Em primeiro lugar, para revelar a natureza geral do fluxo de dinheiro, Marx mostra que capital e circulação não são conceitos independentes. Refutando Tooke e Fullarton, ele traz o problema de volta às diferentes funções do dinheiro, que pode existir tanto na forma de rendimento quanto na forma de capital⁵¹. Em segundo lugar, ele mostra a origem conceitual do capital acionário e a sua tendência inerente de se tornar fictício. Assim, o mercado de dinheiro se estende à especulação⁵². Cada capital tem uma dupla natureza, material e monetária. Eles não existem um sem o outro, mas o capital portador de juros faz com que essa separação pareça possível e, assim, o capital se divide e suas duas almas agem como se fossem independentes, cada uma por conta própria, respectivamente, no mercado financeiro e na produção material. O capital fictício depende do capital real, mas apenas de maneira mediada e, portanto, somente em última instância as grandezas de valor devem corresponder. Na medida em que o primeiro vive as suas experiências fictícias, o seu valor pode, aparentemente, mudar no jogo da oferta e da demanda. Isso determina o movimento da riqueza, mas não altera a grandeza social no seu global, alguém torna-se mais rico, alguém mais pobre, mas a riqueza social permanece a mesma. Em terceiro lugar, Marx tenta delinear a relação entre a acumulação fictícia e a acumulação real. Ele começa com uma análise do crédito, inicialmente desconsiderando o crédito comercial, depois considera o crédito comercial e o crédito bancário juntos, avaliando as consequências para a taxa de juros⁵³. Em seguida, ele prossegue com a relação entre os títulos inflacionados e a acumulação real⁵⁴. Por fim, a unidade do valor (que se tornou relativamente independente graças ao capital fictício) e do valor de uso (o processo material real de reprodução), da forma abstrata e concreta de riqueza no modo de produção capitalista, é violentamente reafirmada por meio da crise⁵⁵.

⁵¹ Cf. *Capitale III*, p. 526; *MEGA2*, II/4.2, p. 506.

⁵² Cf. *Capitale III*, p. 565; *MEGA2*, II/4.2, p. 536.

⁵³ *Capitale III*, p. 565; *MEGA2*, II/4.2, p. 536.

⁵⁴ Cf. *Capitale III*, p. 574; *MEGA2*, II/4.2, p. 542.

⁵⁵ *Capitale III*, p. 569; *MEGA2*, II/4.2, p. 540 e *Capitale III*, p. 605s.; *MEGA2*, II/4.2, p. 594s.

Conclusões

No *Manuscrito* de 1857/58, Marx esboça um plano do capital articulado em três seções principais que, seguindo o esquema hegeliano da doutrina do juízo e do silogismo, são chamadas de universalidade-particularidade-singularidade. Ao elaborar a teoria, no entanto, ocorrem algumas mudanças. Alguns elementos que deveriam fazer parte da particularidade são deslocados para a universalidade (a primeira fase da análise da relação uno-muitos capitais). Alguns elementos que deveriam ser o elo entre a universalidade e a particularidade tornam-se o elo entre a particularidade e a singularidade (capital portador de juros). A tríade como tal, todavia, continua a constituir a ossatura teórica da exposição dialética do conceito de capital.

Se, no início, Marx buscou aplicar o esquema hegeliano a uma dada matéria para dar-lhe ordem, à medida que prosseguia, compreendeu que a teoria do capital propriamente dita só poderia ser elaborada seguindo o modo peculiar em que aquelas categorias abstratas se expressavam no caso particular. Ao seguir a lógica do capital, foi possível alcançar a uma estrutura mais coerente e teoricamente consistente, mais dialética do que era a inicial⁵⁶.

A. Introdução ao *Manuscrito* 1857/58 (p. 36s.)

1) As determinações gerais abstratas que, como tais, são comuns mais ou menos a todas as formas de sociedade...

2) As categorias que constituem a estrutura interna da sociedade burguesa sociedade burguesa e sobre as quais repousam as classes fundamentais. Capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária. Sua relação recíproca.

Cidade e campo. As três grandes classes sociais. Intercâmbio entre entre elas. Circulação. Crédito (privado).

3) Síntese da sociedade burguesa na forma do Estado. Considerada em relação a si mesma. As classes “improdutivas”. Impostos. Dívida do Estado. Crédito público. População.

⁵⁶ Sobretudo no debate alemão, autores como Reichelt e Backhaus argumentaram que uma exposição dialética propriamente dita só pode ser encontrada nos *Grundrisse* e no *Urtext* (o texto preparatório *Para a crítica da economia política*). Na verdade, parece que somente, progressivamente, Marx se esclarece sobre a estrutura dialética de toda a teoria do capital e não apenas sobre da circulação simples.

Colônias. Emigração.

4) Relações internacionais de produção. Divisão internacional do trabalho. Comércio internacional. Intercâmbio internacional. Exportações e importações. Taxa de câmbio.

5) O mercado mundial e a crise.

B. Manuscrito 1857/58 (p. 240s)

I. 1) Conceito geral de capital;

2) Particularidades do capital: capital circulante, capital fixo (capital como meio de subsistência, como matéria-prima, como instrumento de trabalho).

3) Capital como dinheiro.

II. 1) Quantidade de capital. Acumulação.

2) Capital medido sobre si mesmo. Lucro. Juros. Valor do capital: ou seja, o capital distinto de si mesmo como capital e lucro.

3) A circulação do capital. A) Troca de capital por capital, troca de capital por rendimento. Capital e preços. B) Concorrência dos capitais. C) Concentração dos capitais.

III. Capital como crédito.

IV. Capital como capital acionário.

V. Capital como mercado monetário.

VI. O capital como fonte de riqueza. O capitalista⁵⁷.

⁵⁷ O plano continua com a enumeração dos seguintes temas: “Depois do capital, deve-se discutir a propriedade fundiária. Depois disso o trabalho assalariado. Pressupostos todos os três, deve-se considerar o movimento dos preços, que é determinado pela circulação em sua totalidade internamente. Por outro lado, as três classes destinadas como a produção nas suas três premissas e formas fundamentais da circulação. Depois o Estado. (Estado e sociedade burguesa. – O imposto ou a existência de classes improdutivas. – A dívida pública. – A população. – O Estado em sua projeção externa: colônias. Comércio exterior. Taxas de câmbio. Dinheiro como moeda internacional. – Finalmente, o mercado mundial. Hegemonia da sociedade burguesa sobre o Estado. As crises. Dissolução do modo de produção capitalista e da forma de sociedade baseada no valor de troca. A realização do trabalho individual como social e vice-versa)”.

Capital

8. Generalidade

- 1) a) Origem do capital a partir do dinheiro
b) Capital e trabalho (que é mediado pelo trabalho de outros)
c) Os elementos do capital, analisados segundo a relação com o trabalho (produto, matéria-prima. Instrumento de trabalho).
- 2) Particularização do capital:
 - a) Capital circulante, capital fixo. Circulação do capital
- 3) Singularidade do capital: capital e lucro. Capital e juros. Capital como valor, distinto de si mesmo como juros e lucro.

II. Particularidade

- 1) Acumulação dos capitais.
- 2) Concorrência dos capitais.
- 3) Concentração dos capitais (diferença quantitativa de capital que é, ao mesmo tempo, diferença qualitativa, como uma medida de sua grandeza e do seu efeito).

III. Singularidade

- 1) O capital como crédito.
- 2) O capital como capital acionário.
- 3) O capital como mercado monetário.

O capital como mercado monetário é posto em sua totalidade; ali ele é determinador dos preços, empregador de trabalho, regulador da produção, em uma palavra: fonte de produção

- 1) O capital (contém algumas capítulos introdutórias⁵⁸)
- 2) Renda fundiária
- 3) Trabalho assalariado
- 4) O Estado
- 5) Mercado internacional
- 6) Mercado mundial

E. Carta a Lassalle de 11 de março de 1858

(MEW 29, p. 553s)

- 1) O valor
- 2) Dinheiro
- 3) O capital em geral (processo de produção de capital, processo de circulação de capital, unidade de ambos ou capital e lucro, juros).

F. Carta a Engels de 2 de abril de 1858

(MEW 29, p. 312s)

Subdivisão do livro I sobre Capital

- a) Capital em geral
- b) A concorrência, ou seja, a ação recíproca de muitos capitais.
- c) Crédito, onde, em face dos capitais individuais, o capital figura como um elemento universal.
- d) O capital acionário, como a forma mais perfeita (que passa para o comunismo), juntamente com todas as suas contradições.

⁵⁸ “Capitais introdutórios” traduz “Vor chapters”, um termo inventado por Marx pela combinação da preposição alemã “vor”, que significa antes ou na frente, e do inglês “chapter”.

G. Índice do *Urtex*

I) Valor

II) Dinheiro

III) O capital em geral

Passagem do dinheiro ao capital

1) Processo de produção do capital

- a) Troca do capital pela capacidade de trabalhar
- b) A mais-valia absoluta
- c) A mais-valia relativa
- d) A acumulação originária (pressuposto da relação do capital e trabalho assalariado)
- e) Inversão da lei de apropriação

2) O processo de circulação do capital
(interrompido)

H. Índice de 1859 (ou 1861)

(reproduzido no *Manuscrito 1857/58*, p. 661s)

8. O processo de produção do capital

1) Transformação do dinheiro em capital

- a) Passagem
- b) Intercâmbio entre capital e força de trabalho
- c) O processo de trabalho
- d) O processo de valorização

2) A mais-valia absoluta

Tempo de trabalho absoluto e tempo de trabalho necessário

Mais-trabalho. Superpopulação. Tempo de trabalho suplementar

Mais-valia e trabalho necessário

3) A mais-valia relativa

a) Cooperação das massas

b) Divisão do trabalho

c) Máquinas

4) Acumulação originária

Mais-produto. Mais-capital

O capital produz trabalho assalariado

A acumulação originária

Concentração da força de trabalho

Mais-valia nas diversas formas e diferentes meios

Nexo entre mais-valia relativa e absoluta

Multiplicação dos ramos de produção

População

5) Trabalho assalariado e capital

Capital, força coletiva, civilização

Reprodução do trabalhador por meio de salário

Superação espontânea dos limites da produção capitalista. Tempo disponível. O trabalho mesmo transformado em trabalho social

Economia efetiva. Redução do tempo de trabalho, mas não em forma de oposição

Manifestação fenomênica (*Erscheinung*) da lei da apropriação na circulação simples de mercadorias.

Inversão desta lei.

I. Carta a Kugelman de 13 de outubro de 1866

(MEW 31, p. 534)

Livro I	O processo de produção do capital
Livro II	O processo de circulação do capital
Livro III	Configuração do processo global
Livro IV	Para a história da teoria

Referências

- Backhaus, H. G. Materialien zur Rekonstruktion der Marxschen Werttheorie 1, in *Gesellschaft. Beiträge zur Marxschen Theorie 1*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1974.
- _____. Materialien zur Rekonstruktion der Marxschen Werttheorie 2, in *Gesellschaft. Beiträge zur Marxschen Theorie 3*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1975.
- _____. Materialien zur Rekonstruktion der Marxschen Werttheorie 3, in *Gesellschaft. Beiträge zur Marxschen Theorie 11*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1978.
- Fineschi, R. *Ripartire da Marx*. Processo storico ed economia politica nella teoria del “capitale”, Napoli, La Città del Sole – Istituto Italiano per gli Studi Filosofici, 2001.
- _____. Marx dopo la nuova edizioni storico-critica (MEGA2): le edizioni del I libro del Capitale, in *Quaderni materialisti*, 2003.
- _____. *Marx e Hegel*. Contributi a una rilettura, Roma, Carocci, 2006.
- Hecker, R. *Zur Herausgeberschaft des “Kapitals” durch Engels*. Resümee der bisherigen Edition in der MEGA2 , in “UTOPIE kreativ”, Berlin, 1995.
- _____. Einfache Warenproduktion, in Haug (Hg.), *Historisch-Kritisches Wörterbuch des Marxismus*, Bd. 3, Hamburg, Argument, 1997.
- Hegel, G. W. F. *Enciclopedia delle scienze filosofiche in compendio*, Torino, UTET, 1981, parte prima: La scienza della logica, con le aggiunte a cura di Henning. Per la parte seconda e terza: *Enciclopedia delle scienze filosofiche in compendio*, Roma-Bari, Laterza. (*Enciclopedia*)
- Jahn, W., Marxhausen, T. Die Stellung der “Theorien über den Mehrwert” in der Entstehungsgeschichte des “Kapitals”, in *Der zweite Entwurf des “Kapitals”*. Analysen – Aspekte – Argumente, Berlin DDR, 1983.
- Jahn, W., Nietzold, R. Probleme der Entwicklung der Marxschen politischen Ökonomie im Zeitraum von 1850 bis 1863, in *MarxEngels-Jahrbuch*, 1, Berlin DDR, Dietz, 1978.
- Jahn, W., Noske. *Arbeitsblätter zur Marx-Engels-Forschung*, n. 7, Halle (Saale), 1979.
- Marx, K. *Il Capitale*, libro primo. Roma: Editori Riuniti, 1994. (Capitale III)
- Marx, K. *Il Capitale*, libro secondo. Roma: Editori Riuniti, 1994. (Capitale II)

- Marx, K. *Il Capitale*, libro terzo. Roma: Editori Riuniti, 1994. (Capitale I)
- Marx, K. *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica*. Firenze: La Nuova Italia, 1997. Vol. 1. (Lineamenti I)
- Marx, K. *Lineamenti fondamentali della critica dell'economia politica*. Firenze: La Nuova Italia, 1997. Vol.2. (Lineamenti I)
- Marx, K. *Manoscritti del 1861-63*. Roma: Editori Riuniti, 1980.
- Marx, K. *Storia dell'economia politica. Teorie sul plusvalore*. Roma: Editori Riuniti, 1993. Vol. 2. (Teorie II)
- Marx, K. *Storia dell'economia politica. Teorie sul plusvalore*. Roma: Editori Riuniti, 1993. Vol. 3. (Teorie III)
- Mazzone, A. Il feticismo del capitale: una struttura storico-formale, in *Problemi teorici del marxismo*. Roma, Critica marxista: Editori Riuniti, 1976.
- _____. (ed.) *MEGA2 : Marx ritrovato*. Roma: Mediaprint, 2002.
- Müller, M. *Auf dem Wege zum "Kapital"*. Zur Entwicklung des Kapitalbegriffs von Marx in den Jahren 1857-1863, Berlin DDR, das europäische Buch, 1978.
- _____. Die Bedeutung des Manuskripts "Zur Kritik der politischen Ökonomie" 1861-1863, in *Der zweite Entwurf. Analyse – Aspekte Analyse – Aspekte – Argumente*, Berlin DDR, 1983.
- Reichelt, H. *La struttura logica del concetto di capitale in Marx*. Bari: De Donato, 1970.
- Schwarz, W. Das "Kapital im Allgemeinen" und die "Konkurrenz" im ökonomischen Werk von Karl Marx. Zu Rosdolskys Fehlinterpretation der Gliederung des "Kapital", in *Gesellschaft. Beiträge zur Marxschen Theorie I*, Frankfurt/M., Suhrkamp, pp. 222-247, 1974.
- _____. *Vom "Rohentwurf" zum "Kapital"*. Die Strukturgeschichte des Marxschen Hauptwerkes, Westberlin, das europäische Buch, 1978;
- Skambraks, H. Der Platz des Manuskripts "Zur Kritik der politischen Ökonomie" von 1861-1863 im Prozeß der Ausarbeitung der proletarischen politischen Ökonomie durch Karl Marx, in "... unsrer Partei einen Sieg erringen". Studien zur Entstehungs- und Wirkungsgeschichte des "Kapitals" von Karl Marx, Berlin DDR, Die Wirtschaft, 1978;
- Tuchscheerer, W. *Prima del "Capitale"*. La formazione del pensiero 34entilian di Marx (1843/1858). Firenze: La Nuova Italia, 1980 (1968).
- Vygotskij, V. S. *Introduzione ai "Grundrisse" di Marx*. Firenze: La Nuova Italia, 1974 (1965).
- _____. *Il pensiero 34entilian di Marx*. Roma: Editori Riuniti, 1975.